

O Ensino de Piano e o Transtorno do Espectro do Autismo

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação Musical

Maria Teresa de Souza Neves
Universidade Federal de Minas Gerais
maiteneves9@gmail.com

Betânia Parizzi
Universidade Federal de Minas Gerais
betaniaparizzi@hotmail.com

Natália Nunes
Universidade Federal de Minas Gerais
nunes.nat741@gmail.com

Kássia Emmerich
Universidade Federal de Minas Gerais
kassiaemmerich@gmail.com

Resumo Neste trabalho, apresentamos um recorte da pesquisa de doutorado em andamento – “Tocando do jeito delas: o piano como instrumento musicalizador de crianças de 03 a 05 anos com Transtorno do Espectro do Autismo” – que versa sobre o binômio piano e autismo. Será apresentado um relato de experiência docente envolvendo um aluno autista de 04 anos, participante da pesquisa, abordando algumas atividades trabalhadas, bem como a avaliação do desenvolvimento musical e da interação social dessa criança, realizada por meio da escala DEMUCA. Esta avaliação considerou as fases inicial e final da participação da criança na investigação. Os resultados apontaram que a criança obteve ganhos em todas as seis categorias aferidas pela escala. Espera-se que este trabalho instigue discussões relacionadas ao ensino instrumental inclusivo e/ou especial na infância, bem como incentive os professores a utilizarem escalas para aferir o desenvolvimento musical de alunos autistas.

Palavras-chave. Pedagogia do Piano; Transtorno do Espectro do Autismo; Educação Musical; Escala DEMUCA.

Title. Piano teaching and Autism Spectrum Disorder

Abstract. In this work, we present an excerpt from the doctoral research in progress – “Playing their way: the piano as a musical instrument for children aged 03 to 05 with Autism Spectrum Disorder” – which deals with the binomial piano and autism. A teaching experience report will be presented involving a 04-year-old autistic student, participant in the research, addressing some activities worked on, as well as the evaluation of this child’s musical development and social interaction, carried out through the DEMUCA scale. This evaluation considered the initial and final phases of the child’s participation in the research. The results showed that the child achieved gains in all six categories measured by the scale. It is hoped that this work will instigate discussions related to inclusive and/or special

instrumental teaching in childhood, as well as encourage teachers to use scales to assess the musical development of autistic students.

Keywords. Piano Pedagogy; Autism Spectrum Disorder; Musical Education; DEMUCA Scale.

Introdução

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento que se caracteriza por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do Transtorno do Espectro do Autismo requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p.31).

O binômio “piano e autismo” se apresenta como um campo a ser explorado no que concerne a pedagogia do instrumento. Apesar do interesse crescente de pesquisadores pela temática, a literatura ainda é escassa. Por meio de uma revisão sistemática, realizada recentemente com o intuito de investigar o conhecimento produzido sobre o ensino de piano para pessoas autistas até o presente momento, em base de dados eletrônicas e principais periódicos nacionais da área de música, foram selecionados 15 trabalhos (NEVES *et al.*, 2023).

Esses trabalhos, organizados em duas categorias para fins de análise, contemplaram aspectos relacionados: (1) formação, atuação docente e estratégias pedagógicas para o ensino do piano a autistas (STEELE; FISCHER, 2011; BAUER, 2012; PRICE, 2012; POLISCHUK, 2016; DAVIS, 2019; NEVES; PARIZZI, 2022); (2) relatos de experiência e estudo de casos envolvendo alunos autistas em aulas de piano (O’CONNEL, 1974; SHORE, 2002; BONOLDI *et al.*, 2009; BERNARDINO, 2013; SILVA, 2015; FUSAR-POLI *et al.*, 2016; SOO, 2019; CHEN, 2020; RODRIGUES, 2020).

Na categoria 1, no que se refere a estratégias pedagógicas em aulas de piano com autistas, os autores apresentaram as seguintes orientações: (1) entrar no mundo do aluno e compartilhar suas experiências, (2) avaliar quais são os principais interesses dos alunos, estabelecer rotinas previsíveis e estáveis na organização da aula (3) planejar cuidadosamente as aulas considerando as singularidades de cada indivíduo (PRICE, 2012; POLISCHUK; 2016). Os desafios que permeiam essa prática também foram alvo de reflexão: (1) as limitações dos

autistas em relação à comunicação, ao contato visual e a atenção à tarefa, (2) dificuldades de se adaptarem a mudanças (STEELE; FISCHER, 2011).

No que se refere às experiências docentes retratadas na categoria 2, observamos que somente uma pesquisa considerou uma amostra com 14 crianças (SOO, 2019), enquanto os outros trabalhos apresentaram estudos de caso individuais. A faixa etária dos participantes esteve entre 05 e 12 anos, sendo que somente dois estudos contemplaram o ensino de piano para crianças de 05 anos (SHORE, 2002; SOO, 2019). Outro ponto observado foi o fato de alguns desses estudos serem somente relatórios descritivos dos casos apresentados, e quando avaliações sistematizadas foram utilizadas notou-se o emprego de instrumentos de avaliação da área de psicologia (O'CONNEL, 1974; SILVA; 2015). Somente um trabalho utilizou um modelo específico para avaliação do desenvolvimento musical dos participantes (SOO, 2019).

Considerando que o diagnóstico do autismo é fechado ainda na primeira infância, por volta dos três anos, e tendo em vista que estudos das neurociências apontam que nos primeiros anos de vida a plasticidade cerebral é máxima, sendo as intervenções a tempo essenciais (BORGES; NOGUEIRA, 2022, p. 39), incentivamos pesquisas que contemplem essa faixa etária e avalie por meio de instrumentos específicos da área o desempenho dessa população. Logo, propomos em nossa pesquisa de doutorado “Tocando do jeito delas: o piano como instrumento musicalizador de crianças autistas de 03 a 05 anos”¹ (NEVES *et al.*, 2022), desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais, avaliar o desenvolvimento musical e de interação social dessas crianças, por meio das escalas: *Individualized Music Therapy Assessment Profile - IMTAP* (BAXTER *et al.*, 2007), ABFW – Teste de Pragmática (FERNANDES *et al.*, 2014) e Escala de Desenvolvimento Musical de Crianças com Autismo - DEMUCA (FREIRE *et al.*, 2019).

Nas aulas ministradas às crianças autistas, o piano é utilizado não apenas convencionalmente para a performance de peças de um repertório, mas também são exploradas técnicas estendidas² no ensino do instrumento, sempre considerando as singularidades e interesses dos alunos. Logo, o instrumento está à disposição da criança, para que ela possa explorá-lo expressando sua subjetividade de forma genuína e autêntica: “Tocando do jeito dela”.

¹ Para maior detalhamento da metodologia de pesquisa ver Neves *et al.*, 2022.

² Técnicas estendidas, ou técnicas expandidas, é toda forma não tradicional de se utilizar o instrumento respeitando suas possibilidades físico-acústicas (PONTES, 2010).

O piano é um instrumento musical que exerce grande fascínio nas pessoas em geral, especialmente nas crianças pequenas. Sua forma, suas sonoridades, ressonâncias, possibilidades de produção sonora – no teclado, diretamente nas cordas, na tábua de ressonância, com o piano preparado – tudo isso exerce uma atração extremamente favorável, capaz de criar grande motivação e gerar na criança pequena o desejo de experimentar, de explorar, de brincar com o piano como se fosse um de seus brinquedos (PARIZZI, 2022, p.92).

Como principal referência para o desenvolvimento das atividades, utilizamos o livro PianoBrincando de autoria das professoras Betânia Parrizi e Patrícia Furst Santiago. Outros livros e materiais voltados à faixa etária também são utilizados e adaptados, sempre considerando a necessidade e as singularidades dos alunos. As experiências prévias, o fazer musical, o processo criativo e improvisacional apresentados pelos alunos no decorrer das aulas são acolhidos, valorizados e integrados à aula.

Neste trabalho, iremos apresentar um recorte dessa pesquisa em andamento, relatando uma experiência docente envolvendo um aluno autista de 04 anos, aqui tratado pelo nome fictício M³, participante da pesquisa, abordando algumas atividades realizadas e a avaliação do desenvolvimento musical e de interação social dessa criança, realizada por meio da escala DEMUCA.

Tocando piano do jeito dele: O Piano ao alcance da Criança Autista

M. tem 04 anos e 05 meses, e foi diagnosticado com autismo quando tinha dois anos. O nível de suporte está em investigação, “utiliza os medicamentos Risperidona e Neuleptil para alívio de intolerâncias as contrariedades e inquietação importante”, de acordo com o laudo médico. Apresenta desafios na linguagem: fala em desenvolvimento, dificuldade para formular frases e narrativas; e desafios cognitivos: baixa atenção à tarefa e dificuldade de concentração. Criança agitada, não tem dificuldade para interagir, faz contato visual, mas não o mantém. Quando frustrado, fica muito irritado, expressa raiva com o corpo rígido. Quando está feliz, grita e pula. Ele escuta música desde bebê, gosta de cantar e inventar músicas. O pai toca violão e o tio toca teclado.

O breve relato acima apresentado, sintetiza a entrevista realizada com a mãe dessa criança durante a avaliação inicial. A criança participou de 14 aulas de piano individuais e

³ Nome fictício utilizado para garantir o anonimato da criança.

semanais, com duração de 30 minutos, no período de março a julho de 2023, às terça-feiras das 16:00 às 16:30 horas, ministradas pela pesquisadora, tendo o suporte de uma acadêmica do curso de musicoterapia. A criança participou das aulas sem a presença dos pais na sala de aula.

Todas as aulas foram gravadas em vídeo com a permissão dos responsáveis, que concederam o direito de imagem para uso das cenas coletadas durante as aulas para fins acadêmico-científicos, a partir de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A seguir relataremos a experiência docente com M., os desafios que permearam a prática e as estratégias didáticas utilizadas a fim de engajar a criança em experiências musicais e alcançar os objetivos propostos, considerando o piano como instrumento musicalizador e como um meio de autoexpressão.

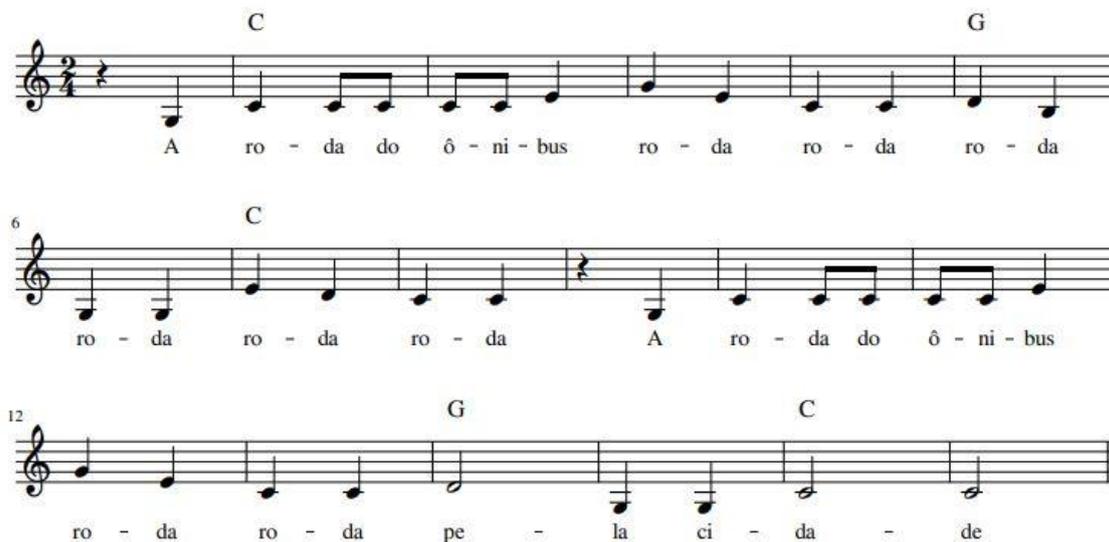
Um dos maiores desafios iniciais na prática docente com o M. foi o estabelecimento de vínculo. A pesquisadora tentou várias estratégias para envolver M. na aula, mas nada parecia funcionar. As ausências consecutivas por motivo de saúde, e os atrasos frequentes às aulas demonstravam uma possível falta de comprometimento ou desorganização familiar, dificultando o estabelecimento de rotina tão necessária ao autista. A criança chegava nas aulas muito agitada e entrava na sala pedindo para ir embora. A mãe explicou que se deslocava com a criança da região metropolitana (Lagoa Santa) para Belo Horizonte de ônibus, pois quando eles vinham de carro, em situações de trânsito intenso ou engarrafamento, M. ficava muito agitado, tirava o cinto de segurança, descia da cadeirinha e ela tinha medo de perder o controle do carro.

Apesar das dificuldades iniciais, na quinta aula, M. cantou espontaneamente, a música “A roda do ônibus⁴”. A pesquisadora acolheu a canção (figura 1), e o vínculo criado por meio dessa melodia permaneceu nas aulas seguintes.

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=zGMHQK4CS-g>

Figura 1: Partitura da música “A Roda do ônibus”

A Roda do Ônibus



C G

A ro - da do ô - ni - bus ro - da ro - da ro - da

6 C

ro - da ro - da ro - da A ro - da do ô - ni - bus

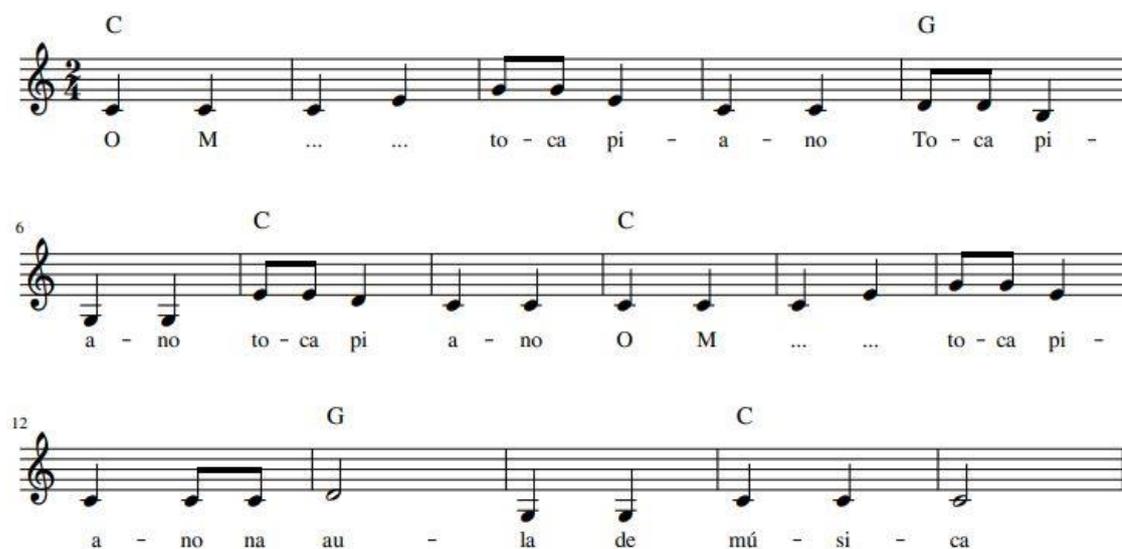
12 G C

ro - da ro - da pe - la ci - da - de

Fonte: Partitura editada pela pesquisadora.

Logo, visando proporcionar interações positivas, partindo de variações da letra e utilizando a melodia da canção apresentada pelo aluno, a professora, cantando, descrevia algo a ser realizado “O M. toca piano, toca piano, toca piano. O M. toca piano, na aula de música” (figura 2); ou algum comportamento da criança “O M. está dormindo, está dormindo (...) na aula de música”; “O M. acordou, acordou (...) na aula de música”.

Figura 2: Partitura “O M. toca piano” – variação da melodia da música “A Roda do ônibus”



C G

O M to - ca pi - a - no To - ca pi -

6 C C

a - no to - ca pi a - no O M to - ca pi -

12 G C

a - no na au - la de mú - si - ca

Fonte: Partitura editada pela pesquisadora.

Nas aulas posteriores, M. passou a chegar ora muito agitado, ora dormindo. A mãe começou a ir de carro, dirigindo para Belo Horizonte. M. ia dormindo no caminho e, quando chegava a hora da aula, a mãe o acordava para que ele pudesse participar das atividades, o que deixava a criança muito nervosa, mas ainda assim M. participava das aulas. A pesquisadora conversou com a mãe no sentido de que ela procurasse organizar a rotina nos dias de aula de piano, colocando a criança para dormir assim que chegasse da escola, conversando sobre as atividades que teria durante o dia e destacou os potenciais da criança. Nesse sentido, Oliveira e Parizzi (2022, p. 142) destacam que é importante manter uma boa relação com a família:

É também importante que o educador musical, para uma melhor compreensão do aluno autista e de suas peculiaridades, estabeleça uma boa relação com os pais/responsáveis da criança. Para tanto, uma boa estratégia pode ser o professor fazer comentários com os pais sobre as conquistas da criança durante as aulas de música. Normalmente eles são chamados para ouvir sobre as dificuldades de sua criança e o fato incomum de receberem comentários positivos sobre o filho pode abrir canais de comunicação entre pais e professores (OLIVEIRA; PARIZZI, 2022, p. 142).

Na décima aula houve uma mudança de comportamento. A criança chegou menos agitada e mais disposta a participar das aulas, provavelmente reflexo da nova organização familiar. Diferente das aulas anteriores em que M. não deixava a professora tocar, gritando, tirando as mãos da professora do instrumento e fechando o piano, ele pediu para cantar “o bebê está dormindo” (variação da melodia da música “roda do ônibus) – figura 3⁵.

A professora perguntou a M. em que região do teclado que ela deveria tocar e ele, prontamente, ajeitou a mão da professora na região aguda, apagou o interruptor da lâmpada deixando a sala um pouco escura, correu e se deitou no tapete no chão. A professora pediu que M. cantasse, enquanto ela tocava na região aguda, andamento lento, intensidade *piano*. Como de costume, ele estava deitado no tapete fingindo ser o bebê, mas se envolveu na atividade cantando. Após terminar de cantar, levantou-se do tapete, acendeu a lâmpada, começou a gritar, a correr e a cantar o “bebê acordou” (figura 4⁶), enquanto a professora o acompanhava entre a

⁵ A partitura ilustra a linha melódica e a letra. Durante as aulas a melodia foi executada na região aguda (Dó 6), com acompanhamento na mão esquerda de padrão rítmico balada, ou acorde parado, favorecendo um clima de canção de ninar, intensidade entre *piano* e *pianíssimo*.

⁶ A partitura ilustra a linha melódica e a letra. Durante as aulas a música foi executada entre a região grave e média (Dó 1 e Dó 2), muitas vezes somente o acompanhamento com acordes, devido ao andamento rápido e a necessidade de espelhamento do nível de energia da criança, inclusive em relação a intensidade (Forte).

região média e grave, tocando *forte*, procurando espelhar, em sua performance, o andamento e o comportamento da criança.

Figura 3: Partitura “O Bebê está dormindo” – variação da melodia da música “A Roda do ônibus”



C G

O be - bê es - tá dor - min - does - ta dor -

6 C C

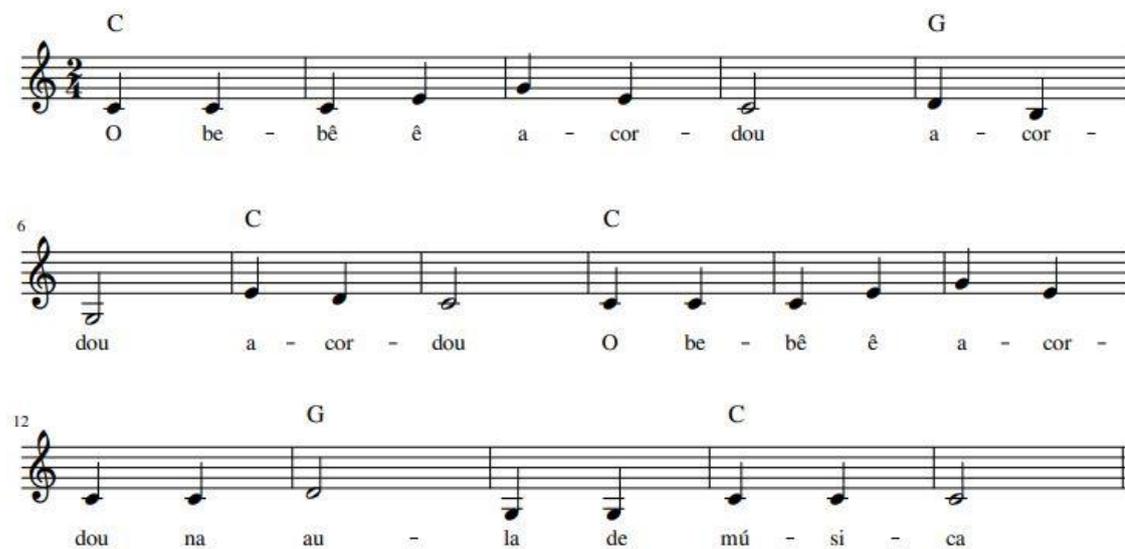
min - does - tá dor - min - do O be - bê es - tá dor -

12 G C

min - do na au - la de mú - si - ca

Fonte: Partitura editada pela pesquisadora.

Figura 4: Partitura “O Bebê acordou” – variação da melodia da música “A Roda do ônibus”



C G

O be - bê ê a - cor - dou a - cor -

6 C C

dou a - cor - dou O be - bê ê a - cor -

12 G C

dou na au - la de mú - si - ca

Fonte: Partitura editada pela pesquisadora.

M. sempre repetia muitas vezes essa atividade, demonstrando muito interesse. Percebendo um engajamento maior na experiência musical nesse dia, a professora propôs que ele tocasse no piano, enquanto ela seria o bebê. E perguntou a ele onde a música “O bebê está dormindo” deveria ser tocada, e ele não hesitou: foi para a região aguda e tocou do jeito dele. Na sequência, ela perguntou onde deveria ser tocada “O bebê acordou” e, com muita energia, após acender a luz, ele foi correndo, gritando tocar na região grave. Repetimos muitas vezes

essa atividade. É válido destacar que, apesar dos objetivos estarem relacionados ao reconhecimento dos parâmetros do som, os conteúdos foram vivenciados de forma exaustiva, até a certificação de que o aluno houvesse internalizado e compreendido os assuntos trabalhados sem apresentação de conceitos.

Por meio do fazer musical houve comunicação interativa, envolvendo troca de turno e atenção compartilhada. Aproveitando o prazer e o engajamento da criança com o instrumento, até então fato raro nas aulas anteriores, a professora incentivou o aluno a tocar o instrumento do jeito dele e a cantar, com atividades de pergunta/resposta. Em determinado momento M. disse à professora: Maria Teresa, senta!” enquanto ele ajeitava o banco para ela: “Maria Teresa, toca!”, abrindo um canal de comunicação e interação social, por meio da palavra.

No “Samba da despedida” (figura 5), música cantada ao final da aula, ele segurou várias vezes as mãos da professora, fez o ritmo do samba sobre as mãos dela, tocou junto no instrumento do jeito dele e começou a cantar trechos da canção, buscando nitidamente a afinação.

Figura 5: Partitura Samba da Despedida

Samba da Despedida

Angelita Broock, Aaron Lopes, Caíque Veloso, Laura Cardoso, Regiana Carvalho, Roseane Ramos e Síndara Ivi

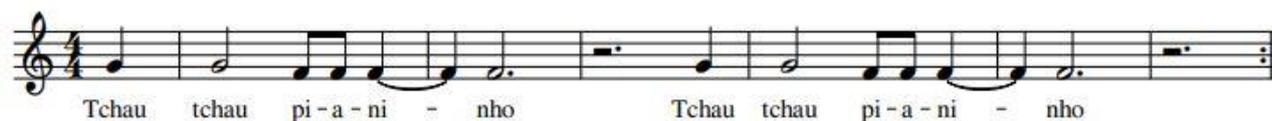


The musical score is written in 2/4 time and consists of four staves. The lyrics are: "A au laa-ca - bou a - go-o - ra che-gou a ho o - ra de ir em - bo o - ra Mas não fi - que tris te não se - ma - na que vem tem mais di ver - são la - iá la - iá Mas não fi - que tris te não se - ma - na que vem tem mais di ver - são". The chords are: C, Dm, G, Dm, G7, C, C7, F, Fm, C, Am, Dm, G7, C, C7, F, Fm, C, Am, Dm, G7, C.

Fonte: Partitura editada pela pesquisadora.

Essa música era sempre executada ao fim da aula, quando a criança permitia. Muitas vezes, impaciente, antes da pesquisadora tocar e começar a cantar, ele se despedia do piano fechando o instrumento e dizendo “o pianinho vai dormir”. Em uma das aulas começou a cantar, espontaneamente, enquanto fechava: “Tchau, tchau pianinho” (figura 6).

Figura 6: Partitura Tchau, tchau pianinho



Fonte: Partitura editada pela pesquisadora.

Nas 04 aulas seguintes, a criança interagiu muito e superou a rigidez expressa por meio da canção “A roda do ônibus”, permitindo incorporar outras atividades e músicas ao repertório, das quais participou efetivamente com grande alegria e envolvimento. Uma delas foi “Sapo Pula” que emergiu a partir da observação da movimentação do aluno na aula. M. estava pulando muito pela sala, logo a professora pediu a ele que imitasse um sapo e começou a improvisar cantando: “sapo pula, sapo pula”, dizendo essa frase continuamente, espelhando o andamento da improvisação ao ritmo do aluno. E a criança completou dizendo “caiu”, se jogando no chão.

Professora: “*Sapo pula, sapo pula, sapo pula...*”

Aluno: “*caiu*”.

Curiosamente, a palavra “caiu” sempre aconteceu na tônica, o que denota entendimento da criança de “senso de conclusão⁷” conforme o registro da criação musical (figura 7).

Figura 7: Partitura Sapo Pula



Fonte: Partitura editada pela pesquisadora.

⁷ A criança demonstra perceber intuitivamente a direção do fraseado musical, bem como simetrias em frases musicais (quadratura), podendo ser capaz de criar um final para suas próprias “composições” (OLIVEIRA; FREIRE; PARIZZI, 2022, p.219).

O aluno se envolveu com essa atividade, e quando ele caía, dizia que havia machucado a cabeça para ter o carinho da musicoterapeuta, que o acolhia passando a mão em seu cabelo. Como o movimento da melodia intercalava teclas brancas e pretas, a professora convidou e incentivou o aluno a executar a música no piano, tocando o primeiro tempo de cada compasso simultaneamente nas teclas brancas e nas teclas pretas “do jeito dele”, enquanto ela e a musicoterapeuta cantavam, pulavam e caíam. A partir dessa criação coletiva e espontânea, foi possível o engajamento da criança pela experiência musical, atenção conjunta e troca de turno.

Através da improvisação musical, a criança autista – em resposta simpática aos gestos, ao pulso, às características dos sons, ao caráter expressivo dos estímulos musicais que lhes são oferecidos – pode estabelecer com o professor uma relação semelhante à relação mãe e bebê. Esse tipo de experiência permite que o autista desenvolva motivações emocionais, autorregulação, auto-organização e consciência a partir de raízes de comunicação. Logo, é altamente recomendável o desenvolvimento de experiências musicais criativas e improvisativas nas aulas de música (OLIVEIRA; PARIZZI, 2022, p.143).

A proposta foi finalizada intuitivamente com a música o “Sapo não lava o pé”, pois abarcava a mesma temática e a criança respondeu cantando e dramatizando a música espontaneamente. Scott (2017, p.1) destaca que as crianças respondem a música de várias maneiras. Suas respostas envolvem a cognição quanto executam o ritmo; respostas criativas quando improvisam movimentos para expressar suas experiências auditivas, respostas comunicativas quando interagem com seus pares por meio de sua performance. A música torna-se uma forma de os alunos compreenderem seu lugar no mundo e suas relações com os outros em seus ambientes.

Outras atividades foram desenvolvidas no decorrer das aulas ministradas. No entanto, as atividades aqui descritas exemplificam a construção do processo pedagógico frente aos desafios enfrentados durante a prática docente. A avaliação inicial com os pais pode fornecer algumas pistas para o entendimento de padrões de comportamento de uma criança, contudo, manter os alunos autistas envolvidos com a música e com o fazer musical pode ser uma experiência desafiadora. Segundo Oliveira e Parizzi (2022, p.147),

(...) é importante trazer aqui algumas reflexões sobre o papel do educador musical nesse processo pedagógico junto à criança autista, processo este que pode ser árduo e, certamente, desafiador. Muitas vezes o educador pode se ver perdido diante de tantas incertezas pode sentir-se inseguro em relação ao andamento de suas aulas, ou se o conteúdo ministrado surtirá algum efeito no desenvolvimento musical e geral daquele aluno autista. Mas podemos aqui afirmar que o mais importante nesse percurso é que o educador esteja aberto

a "olhar/ouvir" a criança, a perceber seus gestos, vocalizações choros, gritos, olhares, sorrisos, silêncios...

Este acolhimento às singularidades de cada criança abrirá, sem dúvida, uma fresta, um canal de comunicação entre professor e aluno, comunicação que prescinde da palavra, pois será construída pelo fazer musical. (...) A princípio, o professor, observando e ouvindo sempre seu aluno, ajustará sua "música à "música" da criança autista, que, aos poucos e cada vez mais, também será capaz de se ajustar ao fazer musical do professor (OLIVEIRA; PARIZZI, 2022, p.147).

Durante o desenvolvimento das aulas foi essencial a supervisão constante da orientadora e da coorientadora dessa pesquisa para acompanhamento dos planejamentos e discussão do caso. O acolhimento das angústias, das dúvidas e das incertezas, as reflexões consistentes, os conselhos assertivos e as recomendações efetivas para a prática docente, proporcionaram ânimo e coragem para atuar de modo seguro e confiante. Trocas e partilhas significativas ocorreram também com as acadêmicas do curso de musicoterapia que acompanharam as aulas.

O Transtorno do Espectro do Autismo se apresenta como um desafio para os educadores musicais e professores de piano. Cada indivíduo dentro do espectro apresenta características singulares, e para que os profissionais possam ajudar seus alunos a desenvolver todo o seu potencial, é necessário considerar o que os motivam. Logo, para que interações positivas aconteçam é primordial abordagens centradas no aluno. Na próxima seção, será apresentada a avaliação do desenvolvimento musical de M. por meio da Escala DEMUCA.

Tocando do jeito dele: avaliando o desenvolvimento musical de uma criança autista por meio da Escala DEMUCA

A Escala DEMUCA foi desenvolvida no Brasil inicialmente por Gleisson Oliveira (2015), durante sua pesquisa de mestrado, visando avaliar o desenvolvimento musical de crianças com TEA. Posteriormente essa escala foi aprimorada e validada durante a pesquisa de doutorado de Marina Freire (2019). A Escala é dividida em 6 categorias: (1) Comportamentos restritivos; (2) Interação social/Cognição; (3) Percepção/Exploração rítmica; (4) Percepção/Exploração sonora; (5) Exploração vocal; (6) Movimentação corporal com a música. A avaliação dessas diferentes categorias engloba 38 itens que descrevem comportamentos ou habilidades da criança, com três níveis de respostas para cada item: "não", "pouco" e "muito".

A avaliação visa possibilitar o acompanhamento dos ganhos de cada criança a partir de suas próprias pontuações (comparando a criança com ela mesma), indicando tanto áreas com maior potencial como áreas com maiores dificuldades, em momentos diferentes do processo musicoterapêutico ou pedagógico (FREIRE *et al.*, 2019; OLIVEIRA; FREIRE; PARIZZI, 2022, p.209).

A aplicação da Escala DEMUCA 2.0 (versão *on-line*), para análise do desenvolvimento musical da criança atendida, foi realizada utilizando-se trechos de vídeos pré-filmados das aulas de piano dessa criança escolhidos por critérios de tipicidade (LAVILLE; DIONNE, 1999). Para isso, foram confeccionados vídeos-excertos de cenas das primeiras e últimas aulas, com a duração entre 2 a 3 minutos para cada vídeo. A análise e o recorte das cenas seguiram dois parâmetros pré-estabelecidos pela pesquisadora: (a) atividades e comportamentos mais predominantes durante as aulas (b) a realização das atividades descritas na escala.

Nos gráficos⁸ a seguir, apresentaremos os dados obtidos na primeira e na segunda avaliação em cada uma das seis categorias avaliadas, para discussão dos resultados.

Categoria Comportamentos restritivos: A estereotipia, a agressividade, a passividade, a reclusão e a pirraça não caracterizaram o comportamento da criança, nem no momento inicial e nem no final da pesquisa. Por esta razão, as linhas do gráfico 1 ficaram inalteradas nesses itens, com uma pontuação alta. Nos itens desinteresse e resistência, a criança teve pontuação zero no início da pesquisa, uma vez que nos comportamentos restritivos, tidos como indesejáveis, a criança não deve pontuar. O desinteresse estava associado à resistência, ou dificuldade de manter atenção à tarefa, demonstrando irritabilidade. Ao longo das aulas, o aluno foi apresentando um maior interesse pelas atividades, diminuindo sua resistência, conforme apresentado no gráfico 1.

⁸ Todos os gráficos foram gerados a partir da Escala DEMUCA automatizada versão 2.0, disponibilizada pelo professor Gleisson Oliveira em um curso *on-line* realizado no mês de maio de 2023.

Gráfico 1. Comportamentos Restritivos.



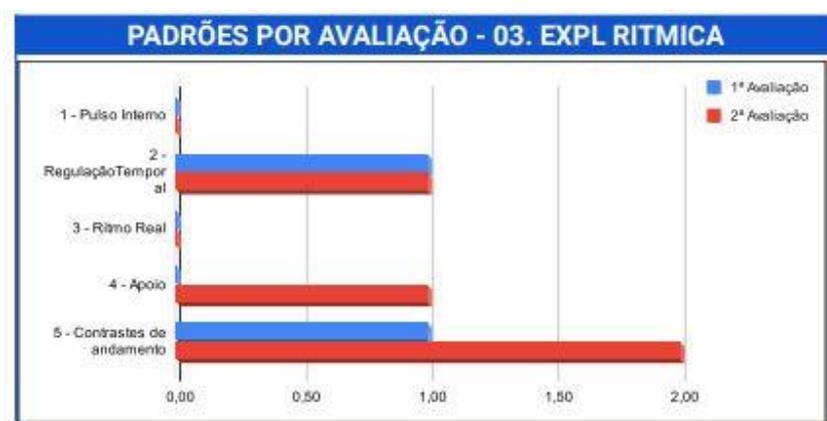
Categoria Interação social/Cognição: a criança apresentou um pouco de dificuldade para interagir com a professora, estabelecendo um vínculo maior ao longo das aulas. Como relatado anteriormente, esse fato pareceu está associado as rupturas provenientes das ausências nas primeiras aulas. Apesar da dificuldade para pronunciar algumas palavras, a criança sempre comunicou seus desejos e interesses. A interação com o piano aconteceu desde a primeira aula, no entanto, foi no transcorrer das aulas, que a criança foi aproximando do instrumento, passou a explorar por um tempo maior, demonstrando intenção e desejo de explorar suas sonoridades. Tal interação veio acompanhada de ganhos relacionadas à atenção a tarefa e às interações sociais com a educadora musical e com a musicoterapeuta. A criança obteve ganhos no item imitação, conseguindo reproduzir comportamentos e atividades propostos pela professora, ainda que por um tempo pequeno (gráfico 2).

Gráfico 2: Interação Social.



Categoria *Percepção/Exploração rítmica*: a criança demonstrou ajuste motor à pulsação externa das obras musicais utilizadas nas atividades propostas, isto é, apresentou regulação temporal⁹. Uma vez que a criança apresenta regulação temporal, pressupõe-se que ela já tenha transcendido a fase de manifestação do pulso interno¹⁰. Não houve tentativa de execução do ritmo real¹¹ das atividades propostas. A criança demonstrou perceber contrastes de andamento, expressando corporalmente, cantando, gritando e tocando no instrumento trechos do repertório trabalhado (“O Bebê está dormindo” e “O bebê acordou”) e por meio de improvisação e sonorização de roteiro “Chuva” (gráfico 3).

Gráfico 3. Exploração Rítmica.



Categoria *Percepção/Exploração sonora*: a criança apresentou ganhos em quase todos os itens dessa categoria. A criança explorou planos de altura no piano (agudo, médio, grave); demonstrou ter percepção de movimento sonoro, expressando corporalmente enquanto ouvia *glissandi* ascendentes e descendentes; identificou e reproduziu no instrumento contrastes de intensidade; percebeu som e silêncio; e nas últimas aulas conseguiu repetir ideias rítmicas e melódicas por meio do canto, e foi capaz de perceber intuitivamente a direção do fraseado musical criando um final para sua composição ou para criações coletivas (gráfico 4).

⁹ Consiste no ajuste motor à pulsação proveniente do ambiente externo. A criança adapta o pulso à música, ou seja, regula suas batidas ao pulso da música que ela ouve (OLIVEIRA; FREIRE; PARIZZI, 2022, p.217).

¹⁰ Consiste em um pulso próprio, ou seja, uma batida rítmica regular singular e particular da criança (OLIVEIRA; FREIRE; PARIZZI, 2022, p.217).

¹¹ A criança toca uma célula rítmica sincronizada à música. Geralmente, a criança toca a sequência de figuras rítmicas que compõem a melodia da música que ela está acompanhando (OLIVEIRA; FREIRE; PARIZZI, 2022, p.217).

Gráfico 4. Exploração Sonora.



Categoria *Exploração vocal*: a criança, no decorrer das aulas, demonstrou habilidade para cantar músicas de seu cotidiano e reproduzir pequenas melodias e frases de novas canções, ainda que demonstrasse dificuldade para pronunciar algumas sílabas das palavras. Em alguns momentos, foi possível perceber o aluno buscando encontrar referência de tom para ajustar seu canto (afinação) e criou uma pequena melodia “Tchau, tchau, pianinho”. Os três primeiros itens: vocalizações¹², balbucios¹³ e sílabas canônicas¹⁴ não se aplicam, pois o aluno é uma criança verbal (gráfico 5).

¹² A criança utiliza a voz para suas produções vocais, com predominância das vogais. Geralmente, as vocalizações iniciais dos bebês são “cantadas” com afinação indefinida, mas já podem apresentar intervalos melódicos distintos já nos primeiros meses de vida. As vocalizações são utilizadas pelo bebê como uma forma de comunicação vocal (OLIVEIRA; FREIRE; PARIZZI, 2022, p.219).

¹³ A criança utiliza a voz para produções vocais, utilizando consoantes e vogais. Os balbucios podem apresentar grande variedade de timbres vocais e, da mesma forma que as vocalizações, são utilizados pelo bebê com intenções comunicativas (OLIVEIRA; FREIRE; PARIZZI, 2022, p.219).

¹⁴ A produção vocal da criança é caracterizada pela repetição de sílabas, unindo consoantes com vogais, como “mamama” ou “dadada” (OLIVEIRA; FREIRE; PARIZZI, 2022, p.219).

Gráfico 5. Exploração Vocal.



Categoria *Movimentação corporal com a música*: a criança desde a primeira aula demonstrou muita agitação e inquietude. No entanto, seus movimentos corporais como andar e correr, estavam relacionados à exploração do espaço sem correspondência com o pulso da música. Durante as aulas, ele começou a demonstrar um pouco de movimentação no lugar em resposta a movimentos sonoros e contornos melódicos, executados ao piano pela professora ou pela musicoterapeuta, e saltos sincronizados com a rítmica das atividades propostas (gráfico 6).

Gráfico 6. Movimentação Corporal.



A partir do gráfico abaixo é possível afirmar que houve melhora em todas as seis categorias avaliadas pela escala DEMUCA (gráfico 7).

Gráfico 7: Avaliação por Categorias.



A avaliação por meio da Escala DEMUCA possibilitou o acompanhamento da evolução da criança por meio de suas próprias pontuações, bem como foi possível realizar um detalhamento do seu perfil individual, indicando as áreas com maior potencial e aquelas em que a criança apresenta limitações. Logo, a avaliação por meio desse instrumento pode ajudar o educador a organizar o planejamento das aulas de modo a proporcionar à criança autista novos ganhos musicais e extramusicais.

Considerações Finais

A prática da docência do piano para públicos neurodiversos é uma realidade atual, sendo necessário fomentar e ampliar as discussões sobre essa temática, uma vez que o ensino de piano deve contemplar todas as pessoas com ou sem limitações, respeitando as possibilidades individuais, de modo a proporcionar vivências musicais positivas e significativas no aprendizado do instrumento. Quando se trata de alunos com TEA, é importante que o professor desenvolva um olhar atento, sensível e individualizado, pois mesmo que os alunos estejam no mesmo nível de classificação dentro do Espectro do Autismo, suas características são únicas e diferentes e cada um deles requer uma abordagem de ensino/aprendizagem específica e personalizada.

Nesse sentido, entrar no mundo do aluno e compartilhar de suas experiências, avaliar quais são os seus principais interesses, estabelecer rotinas previsíveis e estáveis na organização da aula e planejar cuidadosamente as aulas considerando as singularidades de cada indivíduo, são pressupostos válidos e podem nortear um trabalho efetivo e significativo para esse público. Outro aspecto que deve ser considerado é ver a criança para além do diagnóstico, como um ser

que possui algumas limitações, mas que também apresenta inúmeras possibilidades e potencialidades.

Quando delineamos essa pesquisa com o objetivo de investigar as consequências da educação musical tendo o piano como instrumento musicalizador no desenvolvimento musical e no desenvolvimento da interação social de crianças autistas de 03 a 05 anos, por meio de sua autoexpressão ao piano – “tocando do jeito delas” – acreditamos que a sensibilidade (artística) expressiva revelada no instrumento e fora dele nos permitiria captar peculiaridades da criança e estimulá-la a partir de suas reações, de modo a proporcionar trocas intersubjetivas significativas e favorecer o desenvolvimento musical.

Logo, por meio da avaliação dessa criança participante da pesquisa utilizando a Escala DEMUCA, foi possível verificar que as experiências musicais, oferecidas e acolhidas pela pesquisadora nas aulas, abriram possibilidades singulares de engajamento e prazer, o que certamente refletiu no desenvolvimento da criança. O progresso percebido em todas as categorias apontam o piano como elemento propulsor do desenvolvimento da criança autista.

À guisa de conclusão, incentivamos aulas de piano para crianças autistas ainda na primeira infância, pois um trabalho efetivo e que acolha as singularidades desse público proporcionará ganhos no desenvolvimento musical e em aspectos sociocomunicativos. Esperamos ainda que este trabalho instigue discussões relacionadas ao ensino instrumental inclusivo e/ou especial na infância.

Agradecimentos:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq), a quem agradecemos.

Referências

APA – AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BAUER, Beth. Ten Characteristics for Teaching Students with Special Needs. *Piano Pedagogy Forum*, v. 14, n. 1, Jan. 2012.

BAXTER, H. T.; BERGHOFER, J. A.; MACEWAN, L.; NELSON, J.; PETERS, K.; ROBERTS, P. *The Individualized music therapy assessment profile: IMTAP*. London, Jessica Kingsley Publishers, 2007.

BERNARDINO, Isabel Maria Filipe Irra Marques. *A Música no Desenvolvimento da Comunicação e Socialização da Criança /Jovem com Autismo*. Dissertação (Mestrado em Educação Especial no Domínio Cognitivo e Motor) – Instituto Politécnico de Beja, Beja, 2013.

BONOLDI, Ilaria; EMANUELE, Enzo; POLITI Pierluigi. A piano composer with low-functioning severe autism. *Acta Neuropsychiatrica*, v. 21, p. 2-3, 2009.

BORGES, Adriana Araújo Pereira; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. A Abordagem Comportamental e o Transtorno do Espectro do Autismo. In: OLIVEIRA, Gleisson; FREIRE, Marina; PARIZZI, Betânia; SAMPAIO, Renato. *Música e Autismo: Ideias em contraponto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.

CHEN Tianqui. A Comparison between Suzuki Method and Traditional Piano Method on Children with Autism Spectrum Disorder: Case Study. *J Clin Rev Case Rep*, Volume 5, Issue 1, 2020.

DAVIS, Rachel Elizabeth. *Approaches to Teaching Music Reading to Piano Students with Autism Spectrum Disorder*. Dissertation (Doctorate) – University of South Carolina, Columbia, 2019.

FERNANDES F. D. Pragmática. In: ANDRADE C. R.; BEFI-LOPES D. M.; FERNANDES F. D.; WERTZNER H. F. (editors.). *ABFW - Teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática*. 2. ed. rev. ampl. e atual. Barueri: Pró-Fono: p. 83-97, 2014.

FREIRE, M. *Estudos de musicoterapia improvisacional musicocentrada e desenvolvimento musical de crianças com autismo*. 2019. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

FREIRE, M; MARTELLI, J; SAMPAIO, R; PARIZZI, B. Validação da Escala de Desenvolvimento Musical de Crianças com Autismo (DEMUCA): análise semântica, interexaminadores, consistência interna e confiabilidade externa. *Opus*, Vol. 25, n. 3, p.158-187, 2019.

FUSAR-POLI L., ROCCHETTI M., GARDA M., POLITI P. ‘Aut’- sider: the invisible talent of Simona Concaro. *Epidemiology and Psychiatric Sciences* (2017), 26, 119–121. © Cambridge University Press 2016.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do saber – *Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

NEVES, M. T.; PARIZZI, B. Piano e Autismo: O que as pesquisas dizem? In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 32., 2022, Natal. *Anais* [...]. [S. l.]: ANPPOM, 2022.

NEVES, Maria Teresa; PARIZZI, Betânia; FREIRE, Marina; NUNES, Natália. Tocando do jeito delas: o piano como instrumento musicalizador de crianças com transtorno do espectro do autismo. 8º Nas Nuvens...Congresso de Música. Belo Horizonte – MG – de 01 a 08 de dezembro de 2022. p. 1-12. *Anais* ISSN 2675-8105.

NEVES, Maria Teresa; PARIZZI, Betânia; FREIRE, Marina; NUNES, Natália. O Ensino do Piano e o Transtorno do Espectro do Autismo: uma revisão sistemática. *Orfeu*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. e0107, 2023. DOI:10.5965/2525530408012023e0107. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/23689>. Acesso em: 2 ago. 2023.

O'CONNEL, Thomas S. The Musical Life of an Autistic Boy. *Journal of Autism and ChEdhood Schizophrenia*, Vol 4, No. 3. 1974.

OLIVEIRA, Gleisson; FREIRE, Marina; PARIZZI, Betânia. Escala de Desenvolvimento Musical de Crianças com Autismo – Escala DEMUCA. In: OLIVEIRA, Gleisson; FREIRE, Marina; PARIZZI, Betânia; SAMPAIO, Renato. *Música e Autismo: Ideias em contraponto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.

OLIVEIRA, Gleisson; PARIZZI, Betânia. Educação Musical e Autismo. In: OLIVEIRA, Gleisson; FREIRE, Marina; PARIZZI, Betânia; SAMPAIO, Renato. *Música e Autismo: Ideias em contraponto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.

PARIZZI, Betânia. O Piano ao alcance da primeira infância. In: PARIZZI, Betânia; SANTIAGO, Diana (Orgs). *Música e Desenvolvimento Humano: Práticas Pedagógicas e Terapêuticas*. São Paulo: Instituto Langage, 2022.

PARIZZI, Betânia; SANTIAGO, Patrícia Furst. *PianoBrincando*. 2a ed, rev. e ampl. Belo Horizonte [MG]: Fino Traço: Editora UFMG, 2021.

PARIZZI, Betânia; SANTIAGO, Patrícia Furst. *PianoBrincando*. Manual do Professor. 2a ed, rev. e ampl. Belo Horizonte [MG]: 2021.

POLISCHUK, Derek. Kealii. *Transformational piano teaching: Mentoring students from all walks of life*, New York: Oxford University Press, 2019.

PRICE, Scott. All in Day's Routine: Piano Teaching and Autism. *Piano Pedagogy Forum*. Volume 14, nº 1. January, 2012.

RODRIGUES, Beatriz Alexandra de Sacadura. O ensino de piano e a promoção da comunicação não verbal em alunos com Perturbações do Espectro do Autismo. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de Música) – Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco, 2020.

SCOTT, Sheila J. *Music Education for Children with Autism Spectrum Disorder*. Oxford University Press, United States of America, 2017.

SHORE, Stephen M. The Language of Music: Working with Children on the Autism Spectrum. *The Journal of Education*, 2002, Vol. 183, n. 2, p. 97-108, 2002.

SILVA, Ana Amélia Pessoa. *Comunicação musical e interação social de uma criança autista: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Aveiro, Aveiro, 2015.

SOO, Wei Sam. *Exploring the application of the sounds of intent music-developmental framework for children on the autism spectrum with severe or profound and multiple learning difficulties in relation to piano pedagogy*. Doctoral Thesis. University of Roehampton, 2019.

STEELE, Anita Louise; Fischer, Christopher. Adaptive piano teaching strategies for the physically and cognitively handicapped piano student. *Journal American Music Teacher*, february-march, 2011, p. 22-25.